

Wallace Collection: a Casa dos Quadros Agradáveis

As obras-primas adquiridas para o prazer pessoal de uma família são agora uma fonte de encanto universal

GEOFFREY LUCY

ESCONDIDA por trás das grandes lojas da Oxford Street, a Hertford House é uma das surpresas mais agradáveis que Londres oferece. A mansão simples, de três andares, é mundialmente conhecida como museu repleto de tesouros colecionados por uma única família que esteve em-

penhada em reuni-los durante 90 anos. Para adquirirem quadros, móveis, relógios, armas e objetos de arte hoje em exposição na Wallace Collection, três gerações dos Seymour-Conways (nome de família dos marqueses de Hertford) percorreram as salas de leilões da Europa, cobrindo lances de impe-



Hertford House, na Praça Manchester, Londres



A Gangorra, por Jean Honoré Fragonard (1732-1806), é mundialmente conhecida pela delicadeza de suas cores e composição, e pelo encanto do tema. Foi encomendada por volta de 1768 pelo Barão de St. Julien, que disse a Fragonard exatamente como queria que ele e sua amante fossem retratados. Confiscada durante a revolução francesa como propriedade de um emigrante, foi finalmente comprada em 1865 por cerca de 1.200 libras pelo quarto marquês de Hertford

Relógio de Consola, fabricado por Louis Simon Boizot e Pierre Gouthière, e oferecido pela cidade de Avignon a seu antigo governador, o Marquês de Rochecouart, em 1771. Na coleção, existem relógios magnificamente decorados, todos funcionando e batendo horas

radores, reis, príncipes e outros colecionadores para obter tudo quanto o capricho lhes ditava.

Reuniram uma das mais ricas e volumosas coleções da Europa, raramente vista — a não ser pelos amigos. Hoje, em exposição nesta casa de família, ela pertence ao mundo. *

* A Hertford House está aberta ao público todos os dias úteis das 10 às 17 e aos domingos das 14 às 17. Entrada livre.



O Cavaleiro Sorridente, por Frans Hals (c. 1584-1666), que aperfeiçoou uma técnica de pintura suficientemente rápida para apanhar expressões de relance. Considerado pelos visitantes como um dos preferidos, este popular quadro teve originalmente o título redundante de Retrato de um Homem Visto até à Cintura

Auto-retrato, por Hans Holbein o Moço (1497-1543). Esta miniatura, aqui reproduzida em tamanho natural, foi, na realidade, pintada numa carta de baralho



Aqueles que tiverem tempo disponível para percorrer as 22 salas, algumas eram antigamente quartos de dormir e aposentos dos criados, sairão de lá com a vívida imagem mental daqueles que tão profusamente as cumularam de beleza. O acervo é, na realidade, uma autêntica coleção pessoal, criada por nobres que compraram sem pensar em investir nem se preocupando com a aprovação pública. Richard, o quarto marquês de Hertford, expressou o gosto da família nesta simples frase: «Só gosto de quadros atraentes.»

Os marqueses de Hertford eram descendentes de Edward, o irmão de Jane Seymour, terceira mulher de Henrique VIII e mãe de Edward VI. A paixão de colecionar da família começou na verdade com Francis, o terceiro marquês (1777-1842), conhecido como o Califa de Regent's Park devido às suntuosas recepções que ali dava em sua mansão; o esplendor de seu séquito espantava até mesmo a opulenta corte do czar Nicolau I da Rússia. Thackeray o retratou na Feira das Vaidades, no libertino Marquês de Steyne, e a Hertford

A Grande Galeria, 36 metros de comprimento por 10,7 metros de largura, foi mandada construir por Sir Richard Wallace sobre as antigas cocheiras e cavalariças da Hertford House. Considerada uma das mais belas galerias simples do mundo, contém cerca de 60 obras-primas escolhidas para representar várias escolas e períodos



House figurava como a Gaunt House onde, já noite alta, as damas desciam de carruagens fechadas perto de uma discreta porta dos fundos.

Francis orientou seu amigo, o Príncipe Regente, na escolha de muitas obras-de-arte que hoje se encontram no Palácio de Buckingham e no Castelo de Windsor. Nessa ocasião, comprou para si quadros, móveis franceses e porcelanas de Sèvres. A revolução francesa inundou o mercado europeu de grandes quadros; destes, Francis conseguiu por acaso adquirir

A Dama do Leque, por Diego Velázquez (1599-1660), pintor da corte de Filipe IV da Espanha. Este magnífico retrato pertenceu outrora ao irmão de Napoleão, o Príncipe Lucien Bonaparte. Velázquez raramente retratava pessoas que não pertencessem à corte de Espanha e a identidade deste modelo é desconhecida



um magnífico Ticiano (*Perseu e Andrômeda*) por 362 libras e uma paisagem de Rembrandt por 350 guinéus. Comprou tantas obras-de-arte em Paris que teve de fretar um navio a fim de levá-las para Londres.

Richard, o quarto marquês (1800-1870), herdou de seu pai a paixão de colecionador e uma fortuna de perto de dois milhões de libras para satisfazê-la. Em Paris, onde comprara o pequeno castelo da Bagatelle, no Bois de Boulogne, Richard tornou-se lendário, um excêntrico *milord* inglês, de

Retrato de Titus, Rembrandt (1606-1669). Titus, o único filho de Rembrandt e de sua mulher Saskia que atingiu a maioridade, era o modelo preferido do pai e aparece em muitos dos seus quadros. Rembrandt pintou este retrato simples e encantador por volta de 1657



Elmo de Torneio, das três galerias de armas européias da Hertford House. Ultrapassada na Grã-Bretanha somente pelas salas-de-armas da Torre de Londres, a coleção inclui a do Conde de Nieuverkerke (Supervisor de Belas-Artes de Napoleão III) que abandonou Paris após a Comuna. Decidido a obter a coleção do conde, Sir Richard Wallace bateu os outros licitantes aceitando imediatamente o preço fixado de cerca de meio milhão de francos



imensos recursos mas que vivia quase como eremita, preocupando-se tão pouco com o que se passava no mundo que um de seus poucos amigos comentou: «Ele nem afastaria as cortinas para ver uma revolução passar à sua porta.»

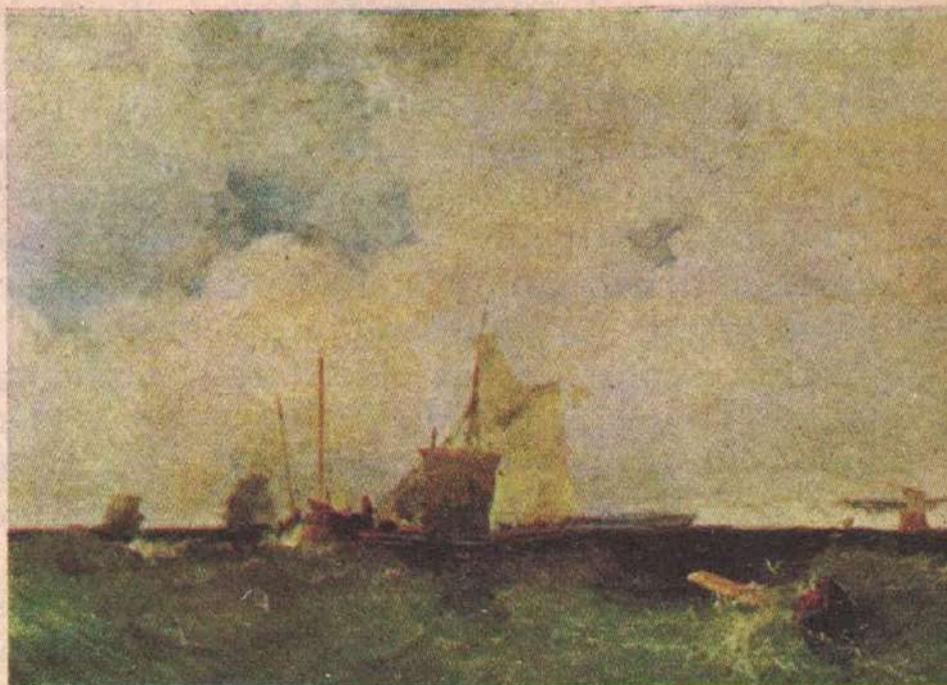
Colecionar era o seu único interesse. Seu gosto era variado... e impecável: Rubens, Van Dyck, Velázquez, Murillo, Rembrandt, Hals, Hobbema, Guardi e Canaletto. Comprou obras de pintores ingleses como Reynolds, Gainsborough e Lawrence, e foi dos primeiros a reconhecerem o gênio de Bonington.



Caixas de Ouro, de uma das mais ricas coleções públicas do mundo. Os efeitos sutis destas três caixas foram obtidos com ouro de várias tonalidades; outras são decoradas com esmalte, madrepérola ou tartaruga



Marinha, por Richard Parkes Bonington (1801-1828). Embora em vida Bonington não fosse muito admirado na Inglaterra, hoje em dia é aceito como um grande pintor e precursor da escola romântica, e a Wallace Collection possui as mais belas séries de seus trabalhos. Este quadro, um cúter entrando no canal, contém toda a sua pureza e colorido



Balaustrada de ferro e bronze dourado, feita para uma das suítes de Luís XV no palácio Mazarin em Paris, com o emblema dos reis franceses, o girassol. Quando reconstruíram o palácio (hoje a Biblioteca Nacional), a balaustrada foi retirada e vendida a um negociante. O quarto marquês de Hertford comprou-a e seu filho a mandou colocar na grande escadaria da Hertford House, onde ficará para a posteridade como um dos mais belos exemplos existentes de trabalhos de ferro-forjado da França do século XVIII

Admirava acima de tudo os pintores franceses do século XVIII, que estavam fora de moda após a revolução. Sua primeira aquisição importante foi a fascinante *Professora* de Fragonard comprada no mercado livre por 15 libras e 2 xelins.

Durante o resto de sua vida, continuou comprando seus favoritos: Watteau, Boucher, Greuze e outros Fragonards. São estas encantadoras evocações de uma época despreocupada, muito francesa e um tanto maliciosa, que deram à Collection um gosto todo especial.

O quarto marquês, apesar de solteiro, teve aos 18 anos um filho, Richard, de Agnes Wallace, filha de um baronete escocês que contava 28 anos. Conhecido como «Monsieur Richard», o filho não perfilhado viveu em Paris como secretário particular do pai.

Quando o marquês morreu, Richard ficou com todos os bens

peçoais do pai, inclusive as rendas da Hertford House e da Bagatelle — e a coleção. Entrou na posse desta vasta fortuna durante a guerra franco-prussiana e gastou perto de 100 mil libras para ajudar os cidadãos de Paris durante o cerco. O Hospital Britânico Hertford, que ele fundou, ainda funciona, bem como as 50 fontes de água potável (conhecidas pelos parisienses como as *fontaines Wallace*) para pessoas e animais.

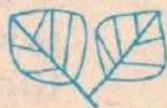
Depois da revolução da Comuna de Paris, em 1871, Richard levou grande parte de sua coleção para a segurança da Hertford House. Desocupada havia 22 anos, tinha-se tornado armazém para os tesouros comprados na Inglaterra pelos terceiro e quarto marqueses; era «um Palácio da Bela Adormecida», como a chamou um dos amigos de Richard.

Sir Richard (sua generosidade para com os súditos britânicos durante o cerco de Paris lhe valeu o título de barão) continuou a tradição da família adicionando-lhe valiosa maiólica italiana (faiança pintada e esmaltada), uma das mais soberbas coleções de armas e mais de 50 quadros. Os preços subiram

e ele teve de pagar 913 libras pelo *Pierrô* de Fragonard.

Quando Sir Richard Wallace morreu, em 1890, deixou tudo à viúva, uma tímida senhora francesa que nunca chegou a falar correntemente inglês. Morreu sete anos mais tarde, legando à Grã-Bretanha todos os quadros e objetos de arte do primeiro e do segundo pavimentos da Hertford House. O resto da coleção, cuja parte principal se encontrava em Paris, foi para Sir Richard e para a antiga secretária de Lady Wallace, estando agora espalhada pelo mundo afora.

A Hertford House foi franqueada ao público como museu nacional no ano de 1900. Excetuando-se os períodos das duas guerras mundiais, tem funcionado sempre, encantando os visitantes com aquilo que Lord Clark descreve como sua «gloriosa extravagância... obras-primas de todas as escolas, sem ordem sistemática ou dogmática, mas ali penduradas simplesmente para agradar à vista». É um elogio que orgulharia os entendidos que compraram estas obras-primas por uma única razão: a de as terem achado atraentes.



UM TURISTA norte-americano contemplava o Vesúvio lançando fumaça.

«Vocês não têm isso nos Estados Unidos!», exclamou o guia, com orgulho.

«Realmente não temos», respondeu o americano, «mas temos as cataratas do Niágara, que poderiam apagar isso em dois minutos.»